O mistério do mundo diante dos nossos olhos: um estudo merleau-pontyano sobre a aparência dos animais

Ronaldo Manzi Filho *

Resumo: Pretendo mostrar como a incorporação de um estudo biológico (um texto de Adolf Portmann denominado *Die Tiergestalt*) permite a Merleau-Ponty reafirmar uma tese fundamental de sua obra: o fato de que ver e ser visto são ingredientes da própria carne do mundo. No olhar do filósofo, tudo se passa como se a aparência dos animais fosse um órgão de comunicação. A evolução das espécies seria assim tributária, em larga medida, do regime da percepção. Os estudos de Portmann parecem levar a esta conclusão: a aparência dos animais tem um sentido a outro semelhante, invertendo um modo de percebermos o mundo: *como se o mistério das coisas estivesse diante dos nossos olhos e não no interior do corpo*.
Palavras-chave: Merleau-Ponty, Maurice; Portmann, Adolf; aparência dos animais; órgão de comunicação; linguagem; percepção

The mystery of the word in front of our eyes: Merleau-Ponty's study of the appearance of the animals

Abstract: I attempt to show how the incorporation of a biological study (a text of Adolf Portmann entitled *Die Tiergestalt*) allowed Merleau-Ponty to reaffirm a fundamental these of his work: the fact that to see and to be seen are ingredients of the body of the world. For this philosopher, everything happens as if the appearance of the animals were an organ of communication. The evolution of species is, in this context, tributary to the regime of perception. Portmann's researches seems to lead to this conclusion: the appearance of animals has a meaning for another similar animal, inverting one mode of realizing the world: *as if the mystery of things is in front of our eyes and not inside the body*.
Key-words: Merleau-Ponty, Maurice; Portmann, Adolf; appearance of the animals; organ of communication; language; perception

* Doutorando em Filosofia pela USP. Endereço: Rua Heitor Penteado, n. 1797, ap. 13, Sumarezinho, 05437-002, São Paulo, SP. E-mail: manzifilho@hotmail.com

> Tendo olhos para ver e ouvidos para escutar, não tarda qualquer um em se convencer de que os mortais não podem ocultar segredo algum. *Aqueles, cujos lábios calam, falam os dedos*. Todos os movimentos o delatam. (Freud, 1953, p. 70, sem ênfase no original)

Essa afirmação de Freud, que encontramos no caso Dora (Manzi, 2009), de certo modo, serve de guia para pensarmos o que Merleau-Ponty entende por linguagem. Onde Freud afirma que, "aquilo que a consciência ignora, o inconsciente permite, uma vez que nenhum mecanismo barraria o ato sintomático" (Freud, 1953, p. 70), Merleau-Ponty vê um certo dizer simbólico do corpo – como se a verdade estivesse posta corporalmente. Como se o corpo fosse essa matriz simbólica que atualizaria os sentidos da história do sujeito, seja de forma sintomática ou não. Ou seja, o corpo seria a atualização de um modo típico de qualquer experiência significativa. Esta frase de Maria Helena Fernandes resume bem o que estamos descrevendo: "o corpo *narra* o que *mostra*" (Fernandes, 2003, p. 34).

Na verdade, esse tipo de interpretação não é um fato isolado na experiência filosófica de Merleau-Ponty. Nessa mesma época, no final da década de 1950, o filósofo recorria a outras áreas do saber para justificar seu pensamento. Um exemplo notável é seu recurso à biologia. Se, por um lado, ele destacava que *o corpo narra o que mostra*, com sua interpretação da biologia, ele parece estender essa fala aos corpos dos animais. Merleau-Ponty age como se quisesse radicalizar a ideia de inscrever o *simbolismo* na corporeidade.

Talvez, o melhor exemplo disto seja sua interpretação de um estudo de Adolf Portmann. *Die Tiergestalt: Studien über die Bedeutung der tiersichen Erscheinung*[1] (*Animal forms and patterns: a study of the appearance of animals*) é um livro interessante não só do ponto de vista científico (escrito por um zoólogo), como é peculiar por incorporar em sua análise as então recentes descobertas dos gestaltistas. Trata-se literalmente de uma concepção gestaltista no estudo da morfologia[2]. Seu objetivo é claro: "esse trabalho lida com a forma dos animais, seu objetivo consiste em apresentar a natureza especial de

---

[1] Utilizei neste artigo a mesma versão que Merleau-Ponty utilizou, ou seja, a tradução desse livro para o inglês.

[2] Como apresenta Hella Czech no prefácio da edição americana do livro de Portmann: "o tema deste livro é a *Gestalt* animal. [...] A palavra *Gestaltung* implica ambos os processos pelos quais essas formas são produzidas e seu resultado; produção de formas orgânicas, produção de formas animais, parecem ter sido os equivalentes mais adequados" (Czech, 1967, p. vii).

sua aparência visual" (Portmann, 1967, p. 12). Ou seja, o zoólogo pensa que um estudo sobre a *aparência* dos animais é determinante para a história dos saberes dos seres vivos, e esse parece ser o interesse de Merleau-Ponty em sua obra. Não à toa, o filósofo observa, na introdução da sua obra, o modo pelo qual Portmann comenta como a beleza de alguns animais, tal como o radiolário[3], é parecida com as produções artísticas humanas (Portmann, 1967, p. 34). Por que é possível essa analogia?[4]

Ao dizer que o exterior nos dá a impressão de ser um produto da arte, Portmann destaca que o que vemos, a aparência dos animais, tem *uma expressão de forma*:

> Na verdade, parece que encontramos em algumas dessas criaturas do mar o estilo característico de alguns períodos nos quais justamente essas expressões de formas eram apropriadas particularmente às atitudes interiores do homem em relação à vida. (Portmann, 1967, p. 7)

O que isso nos indica? Essa analogia pode nos levar a uma interpretação interessante, como sugere Merleau-Ponty: "Portmann a interpreta, não como uma finalidade do artista, mas como referência do corpo visível ao olho de um congênere que o verá" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 106). Ou seja, o fato de a aparência dos animais ser uma expressão de formas pode nos levar a pensar que há uma espécie de *comunicação* a partir do que um animal mostra-se a outro. Como se a aparência dos animais, seus ornamentos, fosse um *órgão* de comunicação aos olhos de outro de sua espécie – literalmente, órgãos visuais[5], como, por exemplo, a plumagem dos ani-

---

[3] Um protozoário que vive nas profundezas do oceano que só pode ser visto por microscópio. Vale a pena conferir a beleza desses animais nas famosas Gravuras de Ernst Haeckel, de 1904, na sua *Kunstformen der Natur* (*Formas artísticas da Natureza*). Pode-se encontrar algumas dessas gravuras no endereço: <http://www.tiosam.net/enciclopedia/?q=Radiolaria>.

[4] Merleau-Ponty comenta: "os desenhos da rã ou de algumas plumas parecem atestar um traço único do pincel". Em nota acrescenta: "tudo se passa como se a rã tivesse sido pintada numa só pincelada" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 106).

[5] Mesmo as cores de alguns animais são um órgão – um órgão visual (Portmann, 1967, p. 120). Ora "os padrões formados opticamente ocorrem somente em partes visíveis; aquelas escondidas são construídas de tal modo para serem opticamente indiferentes" (*ibid.*, 1967, p. 122).

mais[6]. Segundo Portmann, elas são formadas com um objetivo específico: "com vistas à visibilidade" (Portmann, 1967, p. 22)[7]. Teríamos assim, diante de nós, uma estrutura que, em seu desenvolvimento, está em correlação a um plano tal como qualquer órgão vital do animal – estamos diante de um "órgão para ser visto" – um esquema óptico, pois suas estruturas são órgãos (*ibid.*, p. 122).

De algum modo, isso não soa estranho aos estudos de Merleau-Ponty. Basta lembrarmos a este respeito como, a partir da *Gestalttheorie*, o filósofo se baseou na psicologia infantil para realizar esse tipo de argumento: "uma criança de colo reconhece o sentido de um sorriso, mesmo que não se possa falar do desenvolvimento de uma maturação psíquica suficiente para que possamos pressupor uma distinção entre forma e conteúdo da consciência" (Merleau-Ponty, 1967). Ora, se ela compreende, num certo momento, a expressão fisionômica, como o sorriso, é porque ela apreende, de algum modo, *o sentido do gesto* humano – gesto esse compreendido como expressão de uma forma. Tudo se passa como se tivéssemos que afirmar que *o regime da expressão devesse ser pensado a partir da percepção*, seja falando, seja por gestos, seja até reconhecendo na fisionomia de um amigo uma expressão de cólera.

Os estudos de Portmann levam o filósofo a esta mesma conclusão: *a aparência dos animais tem um sentido a outro animal.* O zoólogo diz que, ao estudar as aparências dos animais,

> Em todos esses casos estamos diante de estruturas ópticas, órgãos para serem vistos, a aparência total que tem um sentido somente quando é apreciado como sendo relacionado diretamente a um olho observador, sendo este um membro da mesma espécie ou de um inimigo. (Portmann, 1967, pp. 111-112)

---

[6] "Temos que perceber que não somente o olho, o coração e o cérebro surgem por um plano ordenado do processo de desenvolvimento, mas também o modo em que a aparência exterior é formada, as formas ornamentais e o design como um todo. [...] [Por isso, temos] que aceitar o ponto de vista de que o plano dos eventos de desenvolvimento está diretamente relacionado com a aparência do animal assim como em relação ao sistema nervoso ou aos órgãos circulatórios" (Portmann, 1967, p. 142).

[7] Noutra obra, *Tarnung im Tierreich*, Portmann confirma sua posição: "formas vivas nos mostram como somos feitos para o olhar vivo, assim como a comida parece ser feita para os órgãos digestivos" (Portmann, 1959, p. 9).

Ou seja, o que é interessante em Portmann para Merleau-Ponty é o fato de podermos pensar a aparência dos animais como uma linguagem.

Mas se a aparência dos animais opera como um órgão de comunicação, como se o corpo narrasse, pelas suas expressões, um sentido para outro ser, o que isso diferenciaria da análise que o filósofo desenvolve do caso Dora? Por exemplo, ao afirmar que mesmo não sendo capaz de dizer verbalmente suas fantasias sexuais, o sujeito *não as esconde*, expressando isso, por exemplo, na forma de sintoma. Seria o mesmo simbolismo que o filósofo estaria defendendo aqui?

Para respondermos isso, temos que recolocar essa questão nos termos de Portmann: qual modo de significação que a aparência de cada animal atesta ao olhar? Esse trabalho do zoólogo nos sugere que devemos tomar esse problema a partir da linguagem em sentido amplo – *o modo que os animais se mostram uns aos outros*. O fascinante nisso para o filósofo é que "é preciso compreender o mistério da vida no modo em que os animais se mostram uns aos outros" (Merleau-Ponty, 1995, p. 245). Que se perceba: com esse tipo de argumentação, pode-se falar do mistério da vida em sentido largo, seja da vida animal como um todo, seja da vida humana. Mistério esse que nega que o organismo seria uma espécie de "saco fisiológico"[8] que não tivesse outra função senão de conservar a si mesmo. Ou seja, a vida compreendida não somente como uma resistência à morte, resultado de uma contingência natural, mas *algo para ser visto* – uma reflexão que nos exige *pensar o que realmente faz um animal*[9] e não um fim que suporíamos, tal como sua conservação ou reprodução.

Portmann relata como, por exemplo, em Barbados, há 27 tipos de caranguejos e, respectivamente, 27 tipos de exibicionismos sexuais. Sem dúvida, uma prova de que a vida não se resume à utilidade, já que "a sexualidade, se ela não visasse senão a utilidade, poderia se manifestar por vias mais econômicas" (Merleau-Ponty, 1995, p. 246). Modo de questionar como tal exuberância na Natureza extrapola qualquer vínculo com a utili-

---

[8] A concepção da embriologia e da fisiologia, "leva finalmente a conceber o corpo animal como um 'saco fisiológico' como foi uma vez denominado por Henri Focillon, o historiador de arte: ver a forma exterior somente como o instrumento e o invólucro que cobre o complexo interno de órgãos, e a forma que ele assume somente como uma das últimas superficialidades circundantes da vida-preservante da víscera" (Portmann, 1967, p. 204).

[9] Aliás, "assim como o ser do organismo é o que ele faz, do mesmo modo o fazer do organismo é somente o prolongamento do que ele é" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 97).

dade[10]. A concepção utilitarista, em que o organismo não teria outra função senão de conservar suas funções úteis (ditas vitais), vai de encontro com essa pluralidade de exibicionismos que encontramos nas espécies[11]. Nesse sentido, *a utilidade não pode ser um critério último da vida*[12] e a morfogênese esboça uma expressão disso também no mimetismo dos animais[13], pois:

> Parece que a semelhança é a operação da Natureza, de qualquer modo que a compreendamos, como uma prova um pouco vaga da finalidade, ou ainda como uma relação misteriosa entre o animal e o meio que lhe assemelha. (Merleau-Ponty, 1995, pp. 242-243)

Aliás, analisando *Le mimétisme animal* de Robert Hardouin (1946), Merleau-Ponty coloca em questão, o que ele denomina uma ideologia (no sentido de naturalização) darwiniana:

> [...] a vida, não é somente uma organização para sobreviver, há na vida uma floração prodigiosa de formas, em que a utilidade raramente é atestada e mesmo, algumas vezes, constitui um perigo para o animal". (Merleau-Ponty, 1995, p. 243)[14]

Floração tal, que se mostra abundante e clara na sexualidade dos animais superiores, em que encontramos um valor expressivo, um *valor de*

---

[10] Um exemplo óbvio se dá nos mamíferos superiores: "como explicarmos que um órgão que serve para a manutenção das espécies, um que parece precisar de tanta proteção [genitais], pode ser levado à tamanha posição de exposição" (Portmann, 1967, p. 179).

[11] São vários os argumentos da biologia para Merleau-Ponty contra essa concepção darwiniana: "na verdade, uma tal interioridade é postulada já pela ideia da utilidade: pois para que haja o útil e o inútil, é preciso um organismo já dado com suas estruturas, suas condições participativas, etc. Há processos orientados, relações hiper-espaciais que estão bem além do útil" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 103).

[12] Portmann também indica isso: "a observação dos órgãos de expressão leva-nos assim finalmente ao mesmo lugar que já atingimos pela nossa consideração das mudanças morfológicas durante o curso da evolução e pelo estudo das formas sexuais. Ficamos cônscios que a produção de formas do corpo do animal vai mais além das necessidades elementares para a preservação" (Portmann, 1967, p. 201).

[13] O mimetismo como uma relação do animal com a natureza e os outros animais que *parece* se inscrever na própria estrutura anatômica do animal (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 101).

[14] Na verdade, Merleau-Ponty pensa, a partir dos estudos de Robert Hardouin, que o comportamento útil ao organismo seria apenas um caso particular do comportamento do animal (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 102).

forma[15], em que, mesmo seus músculos se mostram como meio de expressão[16] e fazem parte da unidade do comportamento. Ora, o estudo da aparência dos animais nos mostra este valor expressivo: "é significativo que justamente isso que foi reconhecido como tendo um sentido, não é, em nenhum sentido, útil, o propósito, a necessidade funcional, mas o que vai além de todas essas esferas" (Portmann, 1967, p. 212). Por isso, Portmann afirma que:

> Não podemos entender adequadamente a estrutura desses objetos, tal como a plumagem e a pele, em todos seus detalhes a não ser que assumamos que a aparência exterior foi designada para algo a mais que essas funções que sabemos ser necessárias para a preservação da vida [...]. Temos que assumir que elas também foram designadas, de um modo bem especial, para o encontro dos olhos de um observador. [...] Temos ainda que nos acostumarmos a olhar mais a aparência dos animais superiores como um 'banquete aos olhos', como nossa linguagem tem expressado de modo tão ternamente desde os tempos mais remotos: como um projeto a ser "olhado". (Portmann, 1967, p. 25)

No fim das contas, a evolução das espécies seria assim *tributária*, em larga medida, ao regime da percepção. O que Merleau-Ponty pretende nos mostrar a partir disso é que a vida, em geral, e a aparência dos animais, em especial, tem um valor existencial de manifestação, de apresentação, invertendo um modo de percebermos o mundo: *como se o mistério das coisas estivesse diante dos nossos olhos*[17] *e não no interior do corpo* ou afirmando que nem sempre aquilo que é mais profundo é mais real. É exatamente isto que pretende mostrar Portmann: seu ponto de partida é que, no estudo dos organismos, é arbitrário tomarmos nossas pesquisas a partir de uma observação do

---

[15] "O termo 'valor de forma' expressa a valência de uma coisa viva do mesmo modo como o número nuclear de um átomo representa sua posição num sistema" (Portmann, 1967, p. 46).

[16] "Os mesmos músculos do rosto (olhos, face, lábios, orelhas) nos vertebrados inferiores servem [...] [para] a vida dos sentidos (<proteger> olhos, orelhas por fechamento) e utilizados nos mamíferos superiores para exprimir fisionomia. Que contraste! De simples órgão são transformados 'em [...] de manifestação'" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 107).

[17] Assim, "a vida, não só como forças que resistem à morte, ou resultado de uma seleção natural da utilidade, mas algo que se mostra, se faz ver e inventa como ao prazer do visível" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 111) – o fato de os animais se reconhecerem seria uma prova dessa reversibilidade ser ingrediente do ser animal.

interior dos organismos[18]. Esse modo de tomar a questão é uma forma de preconceito segundo Merleau-Ponty[19]. Isto porque é uma concepção *naturalizada* do pensar tomar o que é mais profundo como o que está escondido no interior de algo (Merleau-Ponty, 1995, p. 244)[20]. Assim, o propósito de Portmann é descobrir o valor intrínseco do que é visível[21], do contrário, "tal sondagem naquilo que é mais profundamente escondido nos tornam estranhos à aparência das criaturas vivas em torno de nós, àquilo que é evidente ao nosso sentido" (Portmann, 1967, p. 17).

Mas afinal, não é esse o projeto que o filósofo anuncia desde a *Phénoménologie de la Perception* (*Fenomenologia da percepção*)? Lembremo-nos desta passagem: "a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo" (Merleau-Ponty, 1967, p. xvi). Ou seja, é preciso reaprendermos a ver o que está disposto ao nosso olhar – esse corpo que vejo me expressa um sentido, como o de uma cerimônia de acasalamento de um animal com a sua com-

---

[18] Portmann não pretende excluir o valor do estudo genético ou fisiológico da vida animal. Ele compara a relação desses estudos com a aparência dos animais através de uma analogia com o teatro. A seu ver, a genética e a fisiologia seriam como que os bastidores da peça – ali se encontra o saber de como a peça deve ser montada, como produzi-la, etc. Entretanto, "tal lampejo atrás da cena não nos diz nem do ponto principal da peça nem de seu significado. Isso deve ser coletado do auditório, olhando para ela como um todo; temos mesmo que nos esquecer completamente da parafernália da ação arranjada para que possamos agarrar o efeito completo" (Portmann, 1967, pp. 161-162). Assim, o que Portmann aponta é que, os estudos fisiológicos-genéticos são fundamentais para compreensão do organismo, mas "não devemos esperar deles nada fora de sua província. Pesquisas fisiológicos-genéticos são necessárias, mas há também outra questão a ser perguntada sobre o sentido da aparência assim como a vemos. As formas em torno de nós não são completamente casuais, mas 'composições' que estão sendo executadas. [...] Sermos capazes de compreender a peça que está sendo encenada diante de nossos olhos depende de outros requisitos, para além da posse da técnica da performance" (*ibid.*, pp. 162-163).

[19] O termo "preconceito" deve ser compreendido aqui nos mesmos termos de *La Structure du Comportement*: como um modo de tomar uma questão a partir de concepções pré-concebidas e tomadas como verdadeiras, *naturalizadas* ao pensar, como se não se precisasse questionar o que uma afirmação pressupõe.

[20] Diagnóstico partilhado por Portmann: "a experiência humana, desde tempos remotos, o fez perceber que, enquanto olha muito aquilo que vemos em torno de nós, a aparência é enganosa e esconde de nós a verdadeira natureza das coisas" (Portmann, 1967, p. 17).

[21] "Devemos perceber que a aparência que vem de encontro com os olhos é algo com significado e não se deve permitir que ela seja degradada a uma mera concha que esconde o essencial das vistas. Não gostaríamos de ser como caçadores de tesouros que não tem nenhuma dúvida de que as coisas realmente valiosas não podem ser encontradas em nenhum lugar senão escondidas na profundeza dos lugares escuros" (Portmann, 1967, p. 35).

panheira. Portmann ainda nos faz notar como, na verdade, a diferença mais clara entre os animais está no seu exterior e não na sua organização interna, principalmente nos animais superiores. Nestes, apesar de sua aparência ser mais sóbria, sua capacidade de expressar é muito maior, pois "[...] o corpo é todo ele um modo de exprimir" (Merleau-Ponty, 1995, p. 244). Na verdade, há casos em que a diferenciação entre espécies só é possível pelas características de sua aparência e de seu comportamento, pois seus órgãos internos simplesmente não nos apontam a complexidade de diferença entre comportamentos de seres fisiologicamente tão parecidos:

> A forma desses órgãos internos nas diferentes espécies de um grupo relacionado é quase sempre monótona. Quanto conhecimento é preciso antecipadamente para especificar a víscera de várias espécies! Em contraste com essas formações escondidas, as formas especiais do corpo visível com suas características específicas são claras e livres de qualquer ambiguidade. (Portmann, 1967, p. 31)

Tal modo de analisar a aparência dos animais diz respeito, diretamente, a duas formas de considerar o problema. Podemos tomá-lo: (1) tal como se analisa um animal ao microscópio e pensar por que a sua aparência é assim; (2) buscar compreender o que essa aparência diz (Portmann, 1967, pp. 33-34).

Como se vê, Portmann aposta nessa segunda alternativa. Por isso dissemos que a sua questão poderia ser colocada assim: qual modo de significação que cada animal atesta no seu modo de se apresentar aos nossos olhos? (Merleau-Ponty, 1995, p. 245). De certo modo, isso significa dizer que a aparência dos animais está diretamente ligada *à sua função de ser visto*: os seus ornamentos seriam esse *órgão* de visão, pois:

> Do mesmo modo que os pulmões são formados antes que o embrião tenha oxigênio para respirar, o conjunto de tarefas comporta uma referência a um olho possível, a um "conjunto semântico", a um "conjunto crítico" que permite ao animal ser reconhecido pelo seu congênere. (Merleau-Ponty, 1995, p. 245)

Ora, se a aparência dos animais está, de fato, ligada a outro olhar, é porque os animais vivem numa espécie de *inter-animalidade* – modo de dizer que os animais aparecem *uns para os outros* e não para o homem. Claro que jamais saberemos ao certo como um carrapato vê o mundo, como já observara Jacob von Uexküll (Uexküll, 1982, p. 31). Entretanto, é certo que podemos assumir que ele possui um *Umwelt* (mundo próprio) e vê o mundo a seu modo e, especialmente, seus semelhantes. Por isso o filósofo de-

fende, a partir das observações de Portmann, que os animais reconhecem outros da sua espécie, vivendo *numa relação especular*. Uma inter-animalidade, de fato, pressupõe um entrecruzamento entre o aspecto do animal e sua capacidade de perceber outro animal a partir de uma relação entre *ver e ser visto*[22]. Isto é o mesmo que dizer que o corpo do animal só pode ser compreendido se levarmos também em conta sua função de ver e ser visto[23]. Aliás, "o fato de que haja uma relação entre o aspecto exterior do animal e sua capacidade de visão parece provar isso: o animal vê segundo o que lhe é visível" (Merleau-Ponty, 1995, pp. 247-248). Merleau-Ponty nos dá um exemplo *dessa relação especular* entre os animais:

> A relação entre o aspecto de um animal e a capacidade de visão desta espécie, entre seu ser-visto e sua visão: são o inverso um do outro; ou ainda: a relação entre a visão de um animal e seu valor de imago. Seu corpo não é compreensível fora da função de ser visto. Ele vê na medida em que é visto. Isto quer dizer: referência ao congênere: os ornamentos de um animal são os órgãos da visão do outro. (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 110)

Ver na medida em que é visto; referência a um congênere; ornamentos como órgãos da visão – todas essas referências apontam para o filósofo a possibilidade de pensarmos numa interanimalidade. Por isso, afirma, por exemplo, que "a relação entre semelhantes, tal como nos é dada no espetáculo, não é uma realidade segunda, superposta, perspectiva humana, a uma ordem do em-si: essa relação é realizada no corpo animal que se entreveem e formam uma 'interanimalidade'" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 110). Um ver-se reciprocamente que indica como "o mais 'profundo' não é a relação interobjetiva organismo-meio, mas a relação perceptiva" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 110). É exatamente essa interanimalidade o valor ontológico que os estudos de Portmann proporcionam à concepção fenomenológica de Merleau-Ponty:

---

[22] Poder-se-ia dizer que, com o fenômeno da camuflagem, por exemplo, o animal pretende não ser visto. De fato, entretanto, esse fenômeno é tributário ao olhar: "as muitas camuflagens que mencionamos foram ditas serem o resultado da seleção de mutações favoráveis durante centenas de anos. Se o disfarce ao olhar for como se ele fosse justamente 'feito para os olhos', é porque por todo esse tempo os olhos do animal agressor têm feito toda a seleção" (Portmann, 1959, p. 96).

[23] "Para muitos animais a correlação entre a forma do corpo, sua coloração e o design, deve ser apreciado como um órgão especial de referência em relação a um olho observador e ao sistema nervoso central" (Portmann, 1967, pp. 112-113).

> Constata-se que as relações entre os animais, entre os organismos animais, não podem se realizarem senão pela mediação de nossa percepção do animal, pelo empréstimo deste campo. Há "invasão interanimal", sem a qual não compreendemos o animal. Ver e ser visto são ingredientes da animalidade. Daí o valor ontológico da noção de espécie: aquilo que é, não é somente os animais, é uma inter-animalidade. (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 111)

Na verdade, essa é a segunda vez que Merleau-Ponty destaca com ênfase aquilo que será um dos pontos centrais da sua obra: *a reversibilidade da visão* – o fato do corpo ser esse órgão para ver e ser visto. Lembremos que, a primeira vez que essa questão veio à tona foi na análise do estádio do espelho descrita por Jacques Lacan. Se nos voltarmos a essa análise, lemos como a tese de Lacan significava um modo de rearticular o problema da relação com o outro. Ou seja, não se trata agora, como na *Phénoménologie de la Perception*, "apenas" de um problema da percepção do comportamento do outro, pois:

> É preciso que a criança compreenda que há dois pontos de vista sobre ela, que seu corpo que sente é, igualmente, visível, não para ela, mas para os outros. Há então solidariedade entre o desenvolvimento da imagem especular e o desenvolvimento da relação com outrem. É para a criança aprender a se ver como um *papel*. (Merleau-Ponty, 1988, p. 526)

Com essa passagem, percebemos que Merleau-Ponty destaca mais a questão da visibilidade do corpo do que a alienação da criança a outrem (Manzi, 2010). Isso mostra, aos seus olhos, uma função *estruturante* na relação intersubjetiva como sublinha ao dizer: "eu tenho um aspecto exterior, sou visível para outrem; existe um ponto de vista de outrem sobre mim. *A relação com outrem tem o valor de uma verdadeira estrutura*" (Merleau-Ponty, 1988, p. 320). Vemos nessa passagem, o que Lacan realmente trazia de *novo* para as reflexões do filósofo: o júbilo da criança diante de sua imagem – *a conquista da sua visibilidade*.

Com o estudo das aparências dos animais, Merleau-Ponty retoma essa problemática e a estende ao propor uma compreensão singular desse fato: os animais agem como se houvesse *uma relação especular entre eles* – como se cada um fosse espelho de outro. Mais ainda, como se isso mostrasse uma *potencialidade* no visível, pois "a vida não é, seguindo a definição de Bichat, 'o conjunto de funções que resistem à morte', mas é uma potência de inventar do visível. A identidade daquele que vê e daquele que ele vê parece ser um ingrediente da animalidade" (Merleau-Ponty, 1995, p. 248).

Isso não supõe, necessariamente[24], uma suposta *consciência animal*[25], mas o *sentido comportamental* que os corpos expressam uns aos outros: *todo corpo é um modo de expressão*. É isso que Merleau-Ponty parece ler na obra de Portmann: ele descobre que a vida animal é dada ao espetáculo do olhar, uma explicação que dá outro tom à descrição causal que a fisiologia nos apresenta. Um contraste, já que o corpo passa a ser encarado como órgão de manifestação de sentido. E é isso também que nos indica o estudo do mimetismo: que esse comportamento só pode ser compreendido pela relação perceptiva entre os animais, assim como suas aparências. De fato, isso significa que há relações entre os animais: "há tantas relações entre os animais de uma mesma espécie quanto relações internas entre cada parte do corpo de cada animal" (Merleau-Ponty, 1995, p. 247).

Merleau-Ponty consegue, desse modo, falar num preconceito em pensarmos que o que é mais real é o mais profundo, aquilo que supostamente se esconde no interior. O estudo da aparência dos animais é um exemplo de como a relação exterior/interior pode ser vista de outro modo. Podemos dizer assim que a incorporação de um estudo biológico, nos moldes da *Gestalttheorie*, permite ao filósofo reafirmar uma tese fundamental de sua obra: *o fato de que ver e ser visto não são fenômenos de uma consciência, mas ingredientes da própria carne do mundo*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CZECH, Hella. Preface. *In*: PORTMANN, Adolf. *Animal forms and patterns: a study of the appearance of animals*. Translated by Hella Czech. New York: Schocken Books, 1967.

FERNANDES, Maria Helena. *Corpo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.

FREUD, Sigmund. *Historias clínicas de la Psicoanálisis*. Traducción del Luis López-Ballesteros y de Torres. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1953.

---

[24] No fim desse curso, Merleau-Ponty chega a colocar essa possibilidade (sem desenvolver) ao perguntar: "[...] há uma consciência animal e se sim, até que ponto?" (Merleau-Ponty, 1995, p. 259).

[25] Mas mesmo com essa possibilidade, de haver uma suposta *consciência* animal, o que Merleau-Ponty busca descrever é um modo de relação do corpo com o mundo. Diz isso, no fundo, ao citar Arnold Gesell: "pode-se dizer que o embrião tem um comportamento, i.e. uma estruturação orientada implicando referências ao futuro, antecipação – Tudo é maturação e todo devir corporal tem sentido – Não espírito que desce ao corpo, mas emergência do que não foi imerso" (Merleau-Ponty, 1957-1958, p. 121).

HARDOUIN, Robert. *Le mimétisme animal*. Paris: PUF, 1946.

MANZI, Ronaldo Filho. O caso Dora segundo Merleau-Ponty. *Revista Brasileira de Psicanálise*, São Paulo, **43** (1): 145-154, 2009.

——. Notas sobre o estatuto da psicanálise na obra merleau-pontyana. *Psicologia USP*, **21**: 79-97, 2010.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Le concept de nature; l'animalité, le corps humain, passage à la culture, Vol XVI (BN)*. Inédito, 1957-1958.

——. *Merleau-Ponty à la Sorbonne : résumé de cours 1949-1952*. Grenoble: Cynara, 1988.

——. *La nature : notes, cours du Collège de France ; suivi des Résumés de cours correspondants*. Établi et annoté par Dominique Séglard. Paris: Seuil, 1995.

——. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1967.

PORTMANN, Adolf. *Animal forms and patterns: a study of the appearance of animals*. Translated by Hella Czech. New York: Schocken Books, 1967.

——. *Animal camouflage*. Translated by A. J. Pomerans. Ann Arbor, MI: University of Michigan Press, 1959.

UEXKÜLL, Jacob von. *Dos animais e dos homens*. Tradução de Alberto Candeias e Aníbal Garcia Pereira. Lisboa: Livros do Brasil, 1982.

Data de submissão: 29/03/2011; **Aprovado para publicação:** 10/06/2011